

# Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



**Instituto Estadual do Patrimônio Cultural**  
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria:



denominação  
**Fazenda Florença**

código  
**AIII - FO5 - Val**

localização  
**Estrada da Cachoeira, 6º distrito, Conservatória**

município  
**Valença**

época de construção  
**séc. XIX**

detalhamento do estado de conservação  
**no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial e serviços (hotel) / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

proprietário  
**particular**



fonte: IBGE - Barra do Piraj

## situação e ambiência

A propriedade fica situada em área cercada por morros do tipo meia laranja, mantendo, ainda, a presença de alguns remanescentes da mata original.



15



01



02



29

coordenador / data  
equipe  
histórico / revisão

**Branca R.Figueira e Annibal Affonso M. da Silva - out 2007**  
**Mauro Reis e Rita de Fátima**  
**Adriano Novaes/Fernando Pozzobon**

revisão / data  
**Alberto Taveira - fev 2008**

Sua entrada é marcada por uma portada de execução recente. Algumas centenas de metros depois, chega-se à uma murada frontal, com um portão de acesso que leva à uma pequena, porém robusta ponte, construída em arco pleno de pedra que vence um pequeno riacho (f.11). Palmeiras imperiais, plantadas recentemente, compõem a ambiência imediata, que tem, ao fundo desta paisagem, a casa-sede (f.01).

As dependências de um hotel ocupam grande parte da antiga área de trabalho da fazenda, com edificações que privilegiam a escala humana e a dominância horizontal, adequando-se melhor ao conjunto histórico remanescente. A casa-sede fica locada à direita e as demais construções do complexo se espriam para a esquerda. A que mais se destaca é a capela, devotada a São José que, mesmo sendo uma reinterpretação recente da arquitetura religiosa colonial, concorre para a valorização do entorno (f.10 e 28).

O bloco longitudinal, de quartos, implantado ao centro e perpendicular à casa-sede, fica no local das antigas senzalas (f.14), segundo informações de um antigo colono da fazenda, prestadas ao proprietário.

Na extremidade esquerda, localiza-se o bloco da antiga tulha, hoje adaptado para funcionar como restaurante do hotel. Junto a ele há uma roda d'água, cujo sistema de captação ainda funciona (f.02 e 06). Próxima à casa-sede, mais ao fundo, pela lateral direita, existe outra tulha, com porão adaptado para adega (f.05).

Ao redor da casa-sede restaram algumas partes de uma antiga murada de pedra, com um pórtico de entrada, que pode ter servido, no século XIX, para delimitar o perímetro da casa-sede (f.08 e 09).



04



05



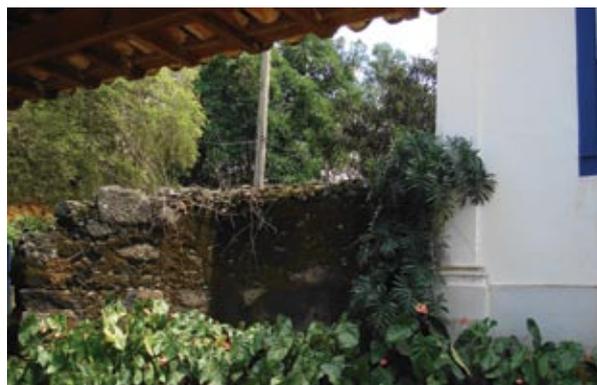
06



07



08



09



10



11



12



13



14

Construção assentada sobre porão em pedra de mão. As paredes periféricas do pavimento superior apresentam esse mesmo esquema, com ciclópica espessura. O restante do arcabouço estrutural é compreendido por peças de madeira, com pilares, barrotes, madres e frechais, dando-lhe sustentação. Complementando o sistema construtivo, as costumeiras paredes internas executadas em pau-a-pique.

A casa tem sua linha arquitetônica atrelada à vertente neoclássica, sendo objetivamente marcada, ao eixo de simetria da composição, por um proeminente frontão triangular com tímpano cego, que configura um alpendre central, sustentado por quatro esbeltas e caneluradas colunas de madeira, apoiadas em socos de pedra.

Chega-se a este avarandado elevado, calçado por ladrilhos hidráulicos de figuras reversíveis, através de escadaria dupla com oito degraus em pedra, guarnecida, assim como o alpendre, por gradis em ferro fundido (f.07 e 21).

Esse arranjo formal evidencia três tramos distintos de composição (f.15). O central, consubstanciado pelo alpendre, comporta três vãos; o central, de porta; e dois laterais, de janelas. Os tramos dos extremos, simétricos, possuem três janelas cada. Todos os vãos têm cercaduras em madeira, vergas e sobre-vergas retas, estas apoiadas em delicados consoles em massa.

As esquadrias mantém folhas duplas almofadadas pintadas em azul, sendo que, nas janelas, ao dobrarem-se, estancam embutidas na parede (f.26). Guarnecem-nas, externamente, guilhotinas em caixilhos de vidro, pintadas na cor branca (f.17 e 18).

A cimalha que contorna todo o prédio é recente, executada em madeira lisa, na cor branca, com friso ao centro, inclinada a 45° em relação à fachada (f. 16, 19 e 20), configurando, na área do alpendre uma arquitrave que suporta o frontão triangular.

O telhado, de elevado ponto, coberto em capas e bicas, finaliza elegantemente a composição.



16



17



18



19



20

Internamente, as esquadrias das janelas que se abrem para o pátio interno do “U” possuem folhas de veneziana (f.24). Já as portas mantêm vergas, umbrais e folhas de abrir na cor azul, além de bandeiras na cor branca (f.27).

O bloco está resolvido, em planta, na forma de um “U” de alas muito largas, com destaque para os dois amplos salões, um em cada lado. O da esquerda era provavelmente o salão nobre e o atual quarto, que se abre para ele aos fundos, era originalmente subdividido, conforme mostram as marcas existentes no assoalho. Outra modificação foi a abertura da porta da sala de almoço para o pátio dos fundos. A marca do talho, no umbral, está visível, evidenciando que ali era uma janela.

No bloco direito, aos fundos, percebe-se também supressões e complementos de paredes para sua conformação atual. As janelas que abrem para o pátio central, mostram, através de sua contemporaneidade, serem intervenções recentes (f.24).

O proprietário informou que o salão principal, bem como o quarto que se abre para ele, possui, na base das paredes, barras de pinturas encobertas pela tinta atual. Informou, ainda, que chegou a encontrar resquícios da cimalha original, e que a mesma era em madeira com serviço de marcenaria trabalhada, tendo sido retirada pelo antigo dono. Por fim, um representante do fausto do período cafeeiro, expressa por uma fonte em ferro fundido instalada no vão entre os blocos laterais (f.24).



21



22



23



24



25



26



27



28

A casa não apresenta sinais de patologias, visto ter passado por obras recentemente e por estar em constante manutenção.

As instalações elétricas e hidráulicas estão embutidas na alvenaria.

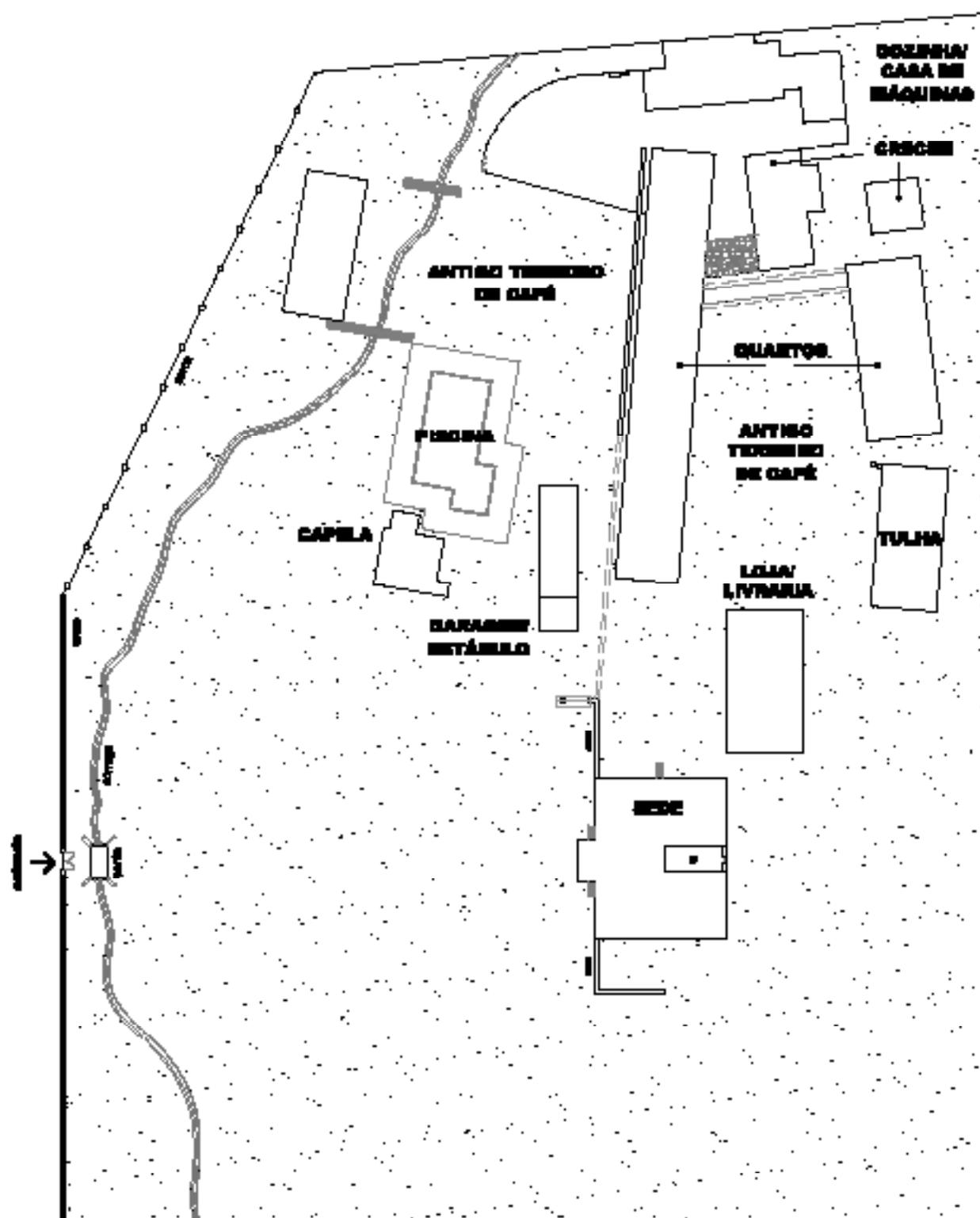
O assoalho, de madeira e com sistema de encaixe macho e fêmea (f.23 e 25), apresenta-se em bom estado. Na varanda há ladrilhos hidráulicos (f.22). O forro de madeira apresenta sistema de encaixe saia e camisa.

A fundação está em bom estado geral de conservação.

A vedação da edificação mantém, ao nível do porão e no perímetro do pavimento residencial, espessa parede em pedra de mão e, nas paredes internas, pau-a-pique, mantendo-se pintada de branco no exterior e interior.

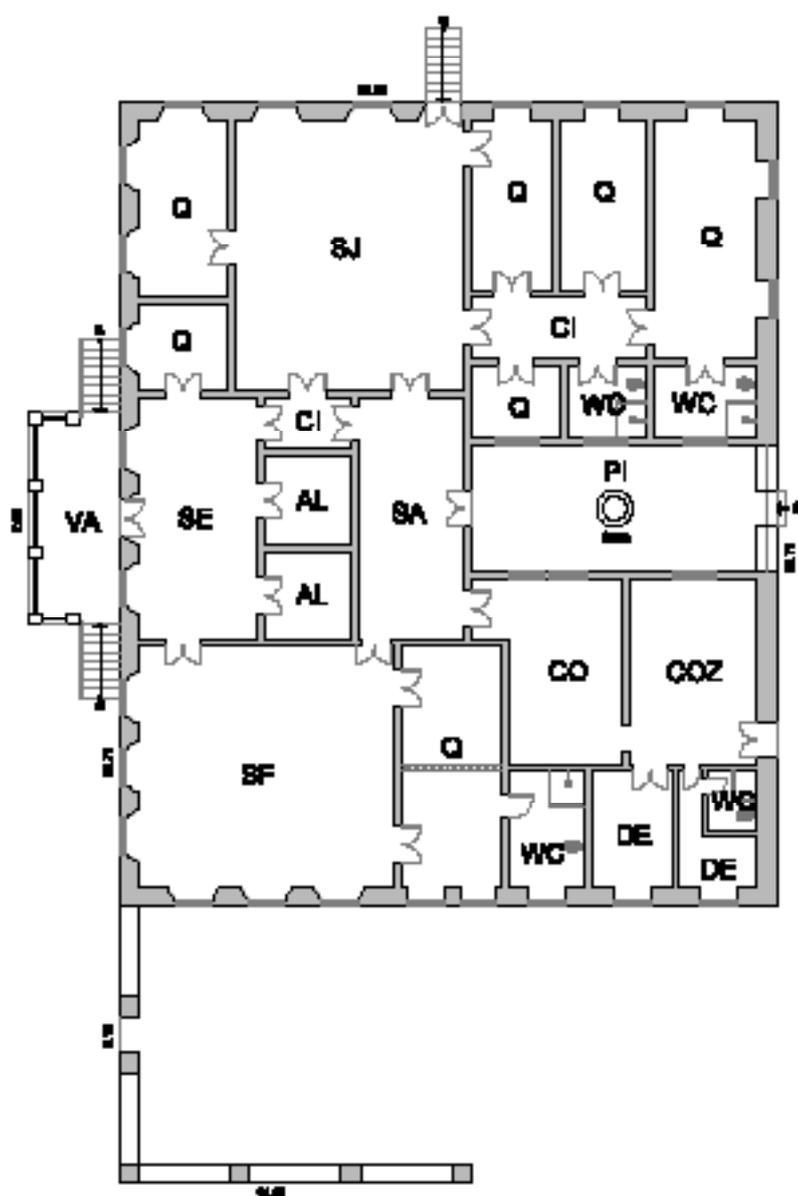
A cobertura possui dez águas, com telhas capa e canal novas, cobertas por pátina natural, não tendo sido possível acessar a cobertura para saber se esta manteve a trama original.

A estrutura de madeira mantém-se em boas condições gerais.



**FAZENDA FLORENÇA**  
 Planta de Situação ano: 1988





**FAZENDA FLORENÇA**  
 Planta Situa de Planta escala: 1:200

AL - Alameda    CO - Cozinha    DE - despensa    Q - quarto    S.J. - sala de estar    S.L. - sala de jantar    WC - banheiro    - - - - - aberturas abertas  
 CI - circulação    COE - cozinha    PI - pátio interno    SA - sala de almoço    SF - sala de festas    VA - varanda    - - - - - aberturas fechadas

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AIII - F05 - Val

2/2

escala:	desenho:	autor:	data:
Ambiel Afonso M. da Silva / Mauro Reis / Rita de Fátima Vieira	Jonás Ronaldo Reis Novais	Franciely Bourquet	nov 2007

Com a introdução do café no Vale do Paraíba, em princípios do século XIX, famílias inteiras migraram para a região, a fim de se dedicarem aos negócios da lavoura. Entre tantas, destaca-se a Irmandade dos Leite Ribeiro e Teixeira Leite, uma das mais proeminentes de todo o período. Tiveram participação decisiva na consolidação da economia cafeeira no Vale. Atuaram como produtores, negociantes de café, construtores de estrada de ferro e rodagem, assim como na política e religião.

Espalharam-se pelas principais cidades do Vale, como Vassouras, Valença, Barra Mansa, Conservatória, Amparo, Além Paraíba, Mar de Espanha, entre outras... Oriundos da região mineradora de São João d'El Rei, o primeiro a chegar foi Custódio Ferreira Leite, que mais tarde veio a se tornar Barão de Ayuruoca.

Ayuruoca tornou-se quase uma lenda na região. A ele é atribuída a propagação do café no Vale do Paraíba, assim como a abertura das principais estradas e pontes para escoamento da produção do precioso grão.

Com a distribuição de terras pela Coroa Portuguesa na região, Ayuruoca trouxe consigo inúmeros parentes. Tão cedo, tornaram-se os irmãos, sobrinhos e primos, fazendeiros de café. Entre eles, o irmão Anastácio Leite Ribeiro, que adquiriu duas sesmarias que confrontavam com a sesmaria dos índios Araris, em "Conservatória dos índios". Com o desenvolvimento da lavoura cafeeira nas terras dos vales dos rios das Flores e Bonito, a pequena aldeia dos índios Araris, transformou-se na importante Freguesia de Santo Antônio do Rio Bonito, mais tarde simplificada para Conservatória.

Anastácio fundou a Fazenda São José do Rio Bonito, cuja sede muito bem localizada ainda jaz em vales conservatorienses.

Do seu casamento com Dona Maria Esméria d'Assumpção, nasceram os filhos: Anna Esméria, que foi a primeira esposa do futuro Barão de Vassouras, Francisco José Teixeira Leite, que fundaram a fazenda Cachoeira Grande em Vassouras; João Ferreira Leite; Joaquim Leite Ribeiro, que foi Juiz de Paz em Conservatória; Francisco Leite Ribeiro, que após a morte dos pais ficou com as fazendas de São José e Boa Vista; Marianna Cândida, que casou-se com o primo Francisco Leite Pinto, foram fazendeiros em Mar de Espanha; Custódio Ferreira Leite; Maria Francisca Leite; Anastácio e finalmente José Leite Ribeiro que, após a morte dos pais, fundou a Fazenda Florença.

José Leite Ribeiro viveu até 1861, ficando a fazenda com seus herdeiros até o final do século XIX. Em princípios do século XX, foi adquirida pela família de Lupércio de Castro.

Atualmente é propriedade de Paulo Roberto e Graça dos Santos.

#### Fontes:

Fontes Primárias Manuscritas

- Inventário de D. Maria Esméria d'Assumpção. Arquivo do Museu da Justiça. Caixa 115 n° 1117, Ano: 1842.

Periódicos

Almanak Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. Vários Anos.

#### BIBLIOGRAFIA

FERREIRA, Vieira desembargador. *Cachoeira e Porangaba - A Concessão de Sesmarias no Brasil e a Lavoura de Café nas Montanhas de Valença*. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Vol 213, 1951.

IÓRIO, Leoni. *Valença de Ontem e de Hoje*. Valença, Companhia Dias Cardoso, Juiz de Fora, 1952.

FERREIRA, Luis Damasceno. *História de Valença*. 2ª edição, Valença, Editora Valença, 1978.

RIBEIRO, Armando Vidal. *Família Vidal Leite Ribeiro – Genealogia – Reminiscências*. Edição Particular.

NUNES, Luiz Gonzaga. *Os Leite Pinto*. Belo Horizonte, Rona, 1986.

LAMEGO, Alberto. *O Homem e a Serra*. 2a edição, IBGE. Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1963.

